



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

SECÇÃO DE ANTROPOLGIA

Mestrado em Antropologia Social – Especialidade em Saúde, Doença e Tratamento

**Impuras e aguadas: Narrativas sobre experiências de gestão de secreções vaginais entre
mulheres na cidade de Quelimane, Zambézia**

AMANDA SÉRGIO MATABELE

SUPERVISORA

PhD Sandra Cristina Félix Manuel

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
SECÇÃO DE ANTROPOLGIA

Impuras e aguadas: Narrativas sobre experiências de gestão de secreções vaginais entre mulheres na cidade de Quelimane, Zambézia

AMANDA SÉRGIO MATABELE

Dissertação submetida ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestrado em Antropologia Social.

O Júri

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

Maputo, Dezembro de 2023

Declaração

Declaro que esta dissertação resulta da minha investigação individual, nunca foi apresentada antes, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico ou para outros fins. Ao longo da mesma, indico as referências bibliográficas e outras fontes usadas. Esta dissertação é apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre, da Universidade Eduardo Mondlane.

Amanda Sérgio Matabele

Agradecimentos

Os meus agradecimentos são dirigidos os seguintes:

À Deus pela vida, saúde e graça de poder concluir mais uma etapa da minha formação académica.

À minha supervisora Prof^a Doutora Sandra Manuel por me orientar durante a elaboração da dissertação. Agradeço por todos os conselhos, pelo apoio, puxões de orelha e incentivo para que terminasse a dissertação, mesmo depois de vários desafios pessoais e dificuldades enfrentadas devido aos efeitos da COVID-19.

Ao professor Emídio Gune pelo apoio prestado na elaboração desta dissertação, pelos comentários e sugestões que ajudaram a melhorar este documento. Agradeço pelas conversas e pelos momentos descontraídos que tornaram esta caminhada mais leve e agradável.

Ao corpo docente do mestrado em Antropologia Social pelos ensinamentos e dedicação para ensinar à mim e aos meus colegas o melhor da Antropologia.

Aos colegas da edição de 2019 pelos incontáveis momentos de descontração, pelas noitadas, pelos jogos e danças que marcaram as nossas sextas-feiras durante todo o curso.

Ao Prof Doutor Carlos Arnaldo pelo apoio e abertura para ajudar a resolver todos os constrangimentos e problemas de ordem financeira que surgiram ao longo deste percurso.

Aos meus familiares pela compreensão e apoio durante este percurso que, por motivos alheios, levou mais tempo do que esperavam. Agradeço pelas orações e por acreditarem na minha capacidade de encerrar mais um capítulo do percurso da minha formação académica.

À todos que, de forma directa ou indirecta, prestaram o seu apoio ao longo desta jornada,

Muito obrigada!

Resumo

Nesta dissertação exploro narrativas de experiências com gestão de secreções vaginais com o objectivo de compreender três principais dimensões: (a) como as pessoas interpretam e se relacionam com as secreções vaginais; (b) como elas se relacionam com as outras pessoas e, (c) como essas pessoas se relacionam com elas tendo como referência essas secreções. Com recurso ao método etnográfico, usando as técnicas de entrevista semi-estruturada, observação e conversa informal, explorei conhecimentos e interpretações sobre as secreções vaginais, os mecanismos e as interações estabelecidas em torno do processo de gestão destas. Os resultados mostram que existe um ideal de estado do corpo e higiene desejado na interação das mulheres com os outros, pessoas próximas como amigos e família e parceiros íntimos. Entretanto existem fluídos como as secreções vaginais que, embora possam ser expectáveis são indesejáveis na interação com os outros devido ao cheiro, cor, volume e textura que são considerados anormais. Argumento que as características das secreções vaginais como cheiro, textura e volume são associadas à falta de cuidado com a higiene e à um estado de impureza. As respostas dadas pelas mulheres e por pessoas próximas a elas à esse estado de impureza reforçam a ideia da existência de um ideal de como os corpos devem estar apresentados na interação com outros, nesse sentido, os diferentes mecanismos adoptados pelas mulheres para lidar com as secreções representam uma tentativa de controlar ou de sair do estado de impureza em que se encontram.

Palavras-Chave: Impureza; Fluídos corporais; Secreções vaginais; Corrimento vaginal.

Abstract

In this dissertation I explore narratives of experiences with the management of vaginal secretions with the aim of understanding three main dimensions: a) how people interpret and relate to vaginal secretions, b) how they relate to other people and c) how these people relate to them with reference to these secretions. Using the ethnographic method, using techniques such as semi-structured interviews, observation and informal conversations, I explored knowledge and interpretations about vaginal secretions, the mechanisms and interactions established around the process of managing them. The results show that there is an ideal body status and desired hygiene in women's interactions with others, close people as family and friends and intimate partners. However, there are fluids such as vaginal secretions that, although they may be expected, are undesirable in this interaction with others. I argue that the characteristics of vaginal secretions such as smell, texture and volume are associated with a lack of care with hygiene and represent a state of impurity. The responses given by women and these people close to them to this state of impurity reinforce the idea of the existence of an ideal of how bodies should be presented in interaction with others, in this sense, the different mechanisms adopted by women to deal with secretions represent an attempt to control or escape of the state of impurity in which they find themselves.

Keywords: Impurity; Body fluids; Vaginal secretions: Vaginal discharge.

Índice

| | |
|---|-----|
| Declaração..... | i |
| Agradecimentos | ii |
| Resumo | iii |
| Abstract..... | iv |
| 1. Introdução..... | 1 |
| 1.1. Objectivos..... | 2 |
| 1.2. Justificativa..... | 2 |
| 1.3. Problemática..... | 4 |
| 1.4. Estrutura da dissertação..... | 6 |
| 2. Revisão de Literatura..... | 8 |
| 2.1. Fluídos corporais e parentesco | 9 |
| 2.2. Substâncias corporais, sexo e género | 10 |
| 2.3. Corpo, substância corporal e tecnologia | 13 |
| 3. Metodologia..... | 15 |
| 3.1. Contexto de pesquisa..... | 15 |
| 3.2. Imersão no campo | 15 |
| 3.3. Interacção com os participantes | 17 |
| 3.4. Técnicas de produção de dados | 18 |
| 3.4.1. Observação..... | 19 |
| 3.4.2. Entrevistas semi-estruturadas..... | 19 |
| 3.4.3. Conversas Informais | 21 |
| 3.5. Registro e tratamento de dados | 22 |
| 3.6. Limitações enfrentadas no decorrer do trabalho de campo..... | 23 |

| | |
|--|----|
| 4. Resultados: Secreções vaginais como impurera | 25 |
| 4.1. A preparação dos corpos | 25 |
| 4.2. As dimensões das secreções vaginais como impurezas | 27 |
| 4.3. Diferentes interpretações sobre as secreções vaginais | 31 |
| 4.4. Respostas às impurezas: mecanismos adoptados para lidar com as secreções vaginais | 36 |
| 5. Conclusão | 42 |
| 6. Referências Bibliográficas..... | 44 |

1. Introdução

As substâncias corporais, que incluem os fluídos corporais, têm sido objecto de estudo na Antropologia que tende a explorar ideias de corpo, pessoa, pureza, perigo e sociabilidade. Estudos que tomam as substâncias corporais como objecto de análise tem explorado temáticas como sangue (Turner 1967, Douglas 1970, Taylor 1992, Niehaus 2000, Simpson 2009, Carsten 2011, Copman 2013), leite materno (Godelier 1982, Wagner 1983, Herdt 1984, Lionetti 1988 e Pereira 2003, Carsten 2011), fluídos sexuais (Plumber et al. 2006, Coast 2007, Fortier 2018), suor (Archembault 2022).

Nas análises realizadas sobre os fluídos corporais, sobretudo na África Austral, verifica-se uma tendência de estudos que procuram compreender e interpretar os significados atribuídos à diferentes fluídos, no contexto das interações sociais, de práticas quotidianas e em contextos rituais (Turner 1967 Niehaus 2002; Thornton 2002;).

A partir desses enfoques, a disciplina mostra como os significados atribuídos à essas substâncias, no geral, e aos fluídos corporais em particular, medeiam a interação do sujeito consigo próprio e na sua relação com os outros (Velden 2007, Carsten 2011).

Nessa literatura, nota-se que os autores prestam mais atenção para o contexto social, procurando compreender, por exemplo, como são construídos e percebidos os significados atribuídos aos fluídos corporais, em diferentes grupos sociais. O principal foco desses estudos são as interações sociais, práticas diárias e rituais que ocorrem em torno dos fluídos corporais, o que centra a sua atenção no imaginário colectivo.

É assim que para esta dissertação me proponho pensar nas secreções vaginais como algo dotado de significados e que é categorizado tendo em conta as suas qualidades materiais e físicas, como o odor, a coloração e textura, na linha da proposta de Carsten (2011) e Boneli (2014) que criticam a separação analítica feita por antropólogos entre as qualidades materiais e os significados atribuídos aos fluídos corporais.

Ao longo da minha pesquisa exploratória na cidade de Quelimane compreendi, a partir dos discursos e relatos recolhidos sobre fluídos vaginais, que as pessoas prestam atenção a questão do cheiro, da textura e do volume das secreções. Percebi que estas características das secreções

permitem compreender como as mulheres sentem-se em relação à sua higiene e que existe uma preocupação com o que as pessoas à sua volta possam pensar a respeito delas.

Após essa constatação, a proposta da presente dissertação é de responder a seguinte pergunta de partida: *Como as pessoas interpretam e relacionam-se com as secreções vaginais e como elas relacionam-se umas com as outras tendo como referência essas secreções?*

1.1.Objectivos

Objectivo geral

Esta dissertação tem como principal objectivo compreender como as pessoas interpretam e relacionam-se com as secreções vaginais, como elas relacionam-se com as outras pessoas e como essas pessoas relacionam-se com elas tendo como referência essas secreções.

Objectivos específicos

De forma mais concreta, procurarei:

- Explorar narrativas sobre experiências com secreções vaginais;
- Identificar interpretações associadas às secreções vaginais;
- Explorar como as pessoas relacionam-se umas com as outras tendo como referências as secreções vaginais.

1.2. Justificativa

O interesse em compreender dinâmicas sociais em torno das secreções vaginais partiu que uma experiência pessoal com o corrimento vaginal¹. Na época em que tive esta experiência, partilhei

¹ Corrimento vaginal é uma condição ginecológica comum entre mulheres em idade reprodutiva que frequentemente requer cuidados e que afecta cerca de um terço de todas as mulheres e metade das mulheres grávidas. O corrimento vaginal pode ser considerado normal ou anormal. É considerado normal porque deriva de factores fisiológicos das secreções de glândulas cervicais e de Bartholin e escamação das células epiteliais vaginais, resultantes da acção

com mulheres próximas que também mencionaram ter tido corrimento em algum momento das suas vidas. Além dessa experiência, comecei a ver, nas redes sociais, memes² nos quais pessoas faziam sátira sobre o corrimento, desde criticar a falta de higiene ou até fazer piadas sobre traições conjugais. A partir dessa experiência pessoal, dos memes e de leituras feitas posteriormente sobre o assunto, percebi que era possível e interessante compreender alguns fenômenos sociais que acontecem do corrimento vaginal.

No contexto da produção do conhecimento antropológico, estudar secreções vaginais mostra-se relevante pois contribui para o debate antropológico na compreensão das interações sociais e práticas que acontecem em torno dos diferentes fluídos corporais. Um pouco além do alcance dos estudos antropológicos sobre os fluídos corporais, neste estudo, é possível reflectir, a partir das secreções vaginais, sobre como os grupos sociais trabalham para fazer com o que os corpos estejam em condições de interagir com os outros. Numa espécie de domesticação dos corpos, são estabelecidos critérios do que é desejável e do que não é, no contexto da interação social.

Numa dimensão prática, a partir da reflexão sobre as experiências de gestão de secreções vaginais é possível identificar os actores que participam neste processo, como e com quem as pessoas adquirem conhecimentos sobre como interpretar as diferentes manifestações das secreções, que mecanismos usar para lidar e controlar aquelas secreções que ocorrem fora do cenário que normalmente é esperado, as que sugerem a existência de problemas de saúde e que carecem de tratamento. Sendo a província da Zambézia, onde está situada a cidade de Quelimane, líder em casos de corrimento vaginal patológico (que aparece como uma das principais preocupações entre os participantes de estudo), este estudo se mostra importante para informar campanhas, na área da saúde, fornecendo informação sobre os principais intervenientes na gestão das secreções, sobre os recursos primários das mulheres quando elas têm experiências com o corrimento (MISAU 2019).

Ao compreender os conhecimento que as mulheres têm e as experiências e práticas que elas produzem, pode-se identificar potencialidades no que elas fazem e também oportunidades para agregar conhecimentos adicionais que possam ajudar as mulheres a gerirem melhor a sua saúde.

bacteriana na vagina. Já o corrimento anormal é resultado de infecções vulvovaginais que incluem vaginose bacteriana, candidíase ou tricomoníase Khadawardi (2020).

² Memes são mensagens com tom jocoso ou irônico que podem ou não ser acompanhadas de imagens ou vídeos e que são intensamente partilhados por usuários de redes sociais Torres (2016). A partir dos memes, as pessoas fazem sátira ou crítica sobre várias temáticas.

Diante da análise das interpretações que fazem sobre as secreções é possível saber em que circunstâncias e em que momentos elas procuram determinados sistemas médicos para o tratamento do seu problema de saúde. A partir dos resultados deste estudo é possível pensar em informações que possam ser usadas no desenvolvimento de programas de saúde sexual feminina.

1.3.Problemática

Esta seção discute os principais focos de análise existentes na literatura central sobre os fluídos corporais. A partir desta problemática pretendo identificar as principais tendências analíticas dentro deste campo, assim como as críticas ou limitações que a estas são apresentadas.

A primeira tendência analisa os fluxos e transferências corporais, destacando a fluidez, transferibilidade e transformabilidade nas análises sobre o parentesco, ligado à ideias sobre o corpo. Por um lado, destacam-se estudos com base no parentesco, realizados principalmente na América e na Ásia e, por outro, estudos sobre os processos reprodutivos, conduzidos principalmente em África onde, a partir de ideias sobre o corpo e o gênero, os antropólogos mostram como os processos corporais estão ligados à uma compreensão social e cosmológica mais ampla sobre questões como fertilidade (Carsten 2011).

Com influência da Antropologia Médica, destacam-se a partir dos anos 2000, estudos sobre o corpo, ciência e tecnologia em que os antropólogos prestam mais atenção para as práticas sociais centradas nas substâncias fora do corpo. A partir de uma influência foucaltiana e da biopolítica, na Ásia e na Europa principalmente, os autores procuram compreender práticas como doação e transfusão de sangue, teste de sangue e fertilização in vitro. Entretanto as preocupações anteriores dos antropólogos das substâncias corporais não foram abandonadas, tornou-se cada vez mais interessante compreender as práticas e procedimentos relativos ao sangue e a maneira como essas actividades científicas do entendimento do sangue como material do parentesco (Copman 2018, Simpson 2009).

Segundo Carsten (2013) existe uma influência dos estudos de parentesco sobre os estudos sobre doação de sangue através de seu foco na capacidade de analogia e substituíbilidade da substância com sangue, comida, leite e sêmen que se entende que muitas vezes pode ser conversível em um

outro. Embora permita compreender dinâmicas e interações sociais que acontecem em torno dos fluídos corporais, esta tendência é criticada por tomar processos sociais como naturais. Críticos sugerem que até hoje, em seus estudos, os antropólogos tendem para um argumento postulado por Douglas (1970) como um sistema natural de simbolização. A crítica é de que este argumento pode levar à uma naturalização dos processos sociais. De acordo com Copman (2018) esta naturalização que elaboram continuidades baseadas nos fluídos corporais, entre o parentesco, raça e nação.

A segunda tendência tem o foco nas qualidades materiais dos fluídos corporais. Antropólogos que seguem esta tendências, procuram fazer conexões entre as propriedades físicas dos fluídos e as relações que ocorrem em contexto de transferências destas. Procuram compreender de que forma o cheiro, a cor e a textura dos fluídos corporais influenciam nas interações sociais, em contextos onde existe troca dos mesmos.

Um dos principais pontos fortes desta perspectiva é de levar em conta um elemento da Antropologia bastante importante, a descrição. Os múltiplos estudos realizados nesta vertente, trazem descrições dos fluídos corporais analisadas, explicado também os significados atribuídos à essas características físicas nos diferentes contextos. Em Turner (1967), Niheaus (2000) e Thornthorn (2002) o sangue, por exemplo, é associado à noção de impureza, de acordo com a sua cor, temperatura e capacidade de fluir entre os corpos (Carsten 2011, Copam 2018).

Em Turner (1967) a cor é central pois o autor faz referência ao vermelho, preto e branco em alguns fluídos corporais, cuja emissão, produção ou derramamento estão associados ao aumento da emoção. O autor mostra como sêmen, leite e sangue que são referenciados por essas cores, são evocadas nas experiências de relacionamentos sociais (Carsten 2011).

Esta segunda tendência é criticada por fazer uma separação analítica entre a realidade material e os significados à volta. Boneli (2014) defende que este transcende a relação binária entre o material e o simbólico, chamando atenção aos antropólogos para evitar a imposição de seus próprios sistemas de pensamento sobre as substâncias durante o trabalho de campo. Outra crítica apresentada é o facto de as caracterizações antropológicas sobre os fluídos serem culturalmente determinadas, retratando as substâncias como tendo significado somente na medida em que enraizadas em teias culturais, com significado para os seres humanos.

Nesta dissertação sigo a tendência desta segunda perspectiva e é dentro deste debate que situo a minha análise sobre as secreções vaginais. Os dados produzidos tendem para um foco nas características materiais das secreções vaginais como o cheiro, a textura e o volume e nas interações estabelecidas no contexto dos significados atribuídos à essas características. A partir da proposta de Boneli (2014), com o argumento central, transcendendo a relação binária material/símbolo e mostro como as características das secreções vaginais são associados à percepções sobre e impureza e podem influenciar na forma como as mulheres relacionam-se com os outros, seja na interação com pessoas próximas por relações de amizade, seja nas relações íntimas.

1.4. Estrutura da dissertação

Esta dissertação é composta por cinco capítulos, organizados por subcapítulos. No presente capítulo, a introdução, fiz uma descrição do tema abordado, formulei o problema de pesquisa a partir da contextualização sobre o estudo dos fluídos corporais na Antropologia, elaborei e defini a pergunta de partida e os objectivos de pesquisa. Incluem também neste capítulo introdutório, a justificativa com a descrição dos motivos que levaram à escolha do tema, a problemática com a discussão em torno das principais linhas de análise na literatura central sobre os fluídos corporais, o que essas linhas permitem compreender e as suas limitações e também a opção teórica que se parece adequada para o objectivo principal da pesquisa. E, por fim, a descrição da estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, a revisão de literatura, apresento os principais estudos e discussões antropológicas sobre a compreensão de dinâmicas sociais em torno dos fluídos corporais. A literatura apresentada e discutida resulta da consulta bibliográficas feitas em revistas e jornais eletrónicos, livros e páginas eletrónicas.

No capítulo seguinte, a metodologia, faço uma reflexão sobre o processo de produção dos dados, desde a minha imersão no campo, a minha relação com as participantes do estudo e as limitações que surgiram no campo. Faço também uma descrição das técnicas usadas para a produção de dados e o processo de registo e tratamento dos dados.

No capítulo dos resultados, faço uma discussão sobre a forma como os corpos passam por uma preparação que é feita através de práticas quotidianas, para que estejam em condições de interagir uns com os outros. Também exploro, a partir de narrativas de experiências das participantes, as dimensões das secreções vaginais enquanto impurezas. Numa outra subsecção exploro as percepções dos participantes sobre as secreções vaginais, tendo como ponto de partida as características das mesmas. Na última subsecção descrevo e analiso os mecanismos adoptados pelas participantes como resposta para lidar com as secreções.

No capítulo da conclusão, retomo ao objectivo principal da dissertação, a opção teórica para a mesma e aos métodos que foram adoptados para a produção de dados. Também apresento, em forma de considerações finais, as principais conclusões a que cheguei ao fim da análise de dados e as minhas reflexões sobre interações sociais que são estabelecidas em torno do processo de gestão das secreções vaginais em Quelimane.

2. Revisão de Literatura

Na Antropologia o termo “fluídos corporais” é frequentemente usado para referir matérias corporais líquidas e mais internas como sangue, leite materno, sémen, suor, lágrimas e sexuais femininos (Carsten 2011). Turner (1967) é considerado o antropólogo que suscitou a tenção dos antropólogos para os fluídos corporais. Em seu trabalho sobre o ritual Ndembu, autor discute sobre o simbolismo das substâncias do corpo como o sangue, o leite e o sémen. Foram, a partir daí, desenvolvidos trabalhos que prestaram atenção aos simbolismos a volta das substâncias do corpo, no seu papel na construção da personalidade e como esta é percebida e importante nas interações humanas

Para muitos grupos sociais, as substâncias do corpo são simbolicamente associadas às noções de perigo e impureza pois acredita-se que perigam, não somente a componente física do homem, mas também, e principalmente a componente social, colocando em risco o equilíbrio familiar e social (Turner 1967; Niehaus 2002; Thornton 2002).

Num estudo realizado em Green Valley, na África do Sul, no qual vê histórias sobre a sucção de sangue e a recolha de partes do corpo como uma transformação do sacrifício, argumenta-se que o sangue conota imagens de calor e perigo. O sangue quente denota doença e um fluxo não moderado induzido pelo nascimento, menstruação, aborto ou relações sexuais com diferentes parceiros. Um exemplo é o caso em que uma mulher sofre um aborto, após o enterro do feto, esta permanece impura durante algum tempo, sem poder fazer sexo ou ter contacto com crianças. A conjunção de substâncias como a respiração, o sangue e carne são vistos como sendo origem a condições de calor perigoso, por essa razão os tabus relacionados com o sexo, nascimento e morte visam evitar a contaminação (Niehaus 2000; Niehaus 2002).

Na mesma linha, Thornton (2002) mostra também que, para alguns grupos sociais sul-africanos, o sangue é conotado à noções de impureza e calor. O autor menciona que se acredita que os lubrificantes dos preservativos sejam absorvidos durante o sexo, o que pode passar impurezas para o sangue do homem, impurezas que somente podem ser tratadas pelos médicos tradicionais. Nesse sentido, o medo é de que o sémen, que deve fluir para fora, é forçado a voltar para o sangue do homem, causando doenças. Assim como os lubrificantes dos preservativos, acredita-se que as

substâncias corporais, como a sangue menstrual e o sémen também podem ser absorvidas pelo homem e pela mulher durante a relação sexual.

2.1.Flúidos corporais e parentesco

Os fluídos aparecem na literatura antropológica não somente ligada à questão dos rituais e símbolos, mas também ao parentesco. Num estudo sobre parentesco americano, David Schneider mostrou como as relações de familiaridade eram definidas pelo sangue ou pelas substâncias biogénéticas. Schneider (1980) argumentou que as relações familiares, na cultura americana, eram construídas fora de duas ordens, a natureza e a lei, das quais derivam dois elementos, substância e código. Para o autor, embora algumas relações existam em virtude de um desses elementos, somente os familiares consanguíneos derivam sua legitimidade a partir da combinação entre a natureza e a lei. O autor distingue claramente a substância e o código que, segundo ele podem ocorrer sozinhas ou em combinação.

A separação categórica de Schneider (1980) estabelece entre as ordens naturais e a lei são, na prática mais fáceis de distinguir. Este modelo analítico foi transferido para a Ásia na forma de um modelo etno-sociológico, entretanto, diferente da América, a substância e o código são tipos como inseparáveis, Schneider foi criticado por sua extrema sistematização das duas ordens, ignorando as variações regionais (Carsten 2011).

Com uma perspectiva distinta, a partir da análise do parentesco melanésio, personalidade e género, Strathern (1988) analisa a transferência das substâncias e a sua capacidade de tomar várias formas. Enquanto Schneider enfatiza a natureza imutável da substância como oposta ao código, Strathern sugere que na Melanésia o que é imutável não poderia ser considerado substância. Este argumento representou uma importante mudança no uso da substância como um termo analítico a partir das análises sobre fluidez, transferibilidade e transformabilidade dentro do parentesco e ligado à ideias sobre o corpo.

Ainda no campo do parentesco, e com esta perspectiva que leva em consideração a capacidade de fluir da substância, num estudo sobre o parentesco jamaicano, Sobo (1992) destaca que para a criação de laços de parentesco, é necessários que as substâncias corporais fluam entre os corpos.

A importância do fluxo interpessoal, relacionado à reciprocidade baseada no parentesco mostram o quão o fluxo é privilegiado na Jamaica.

2.2. Substâncias corporais, sexo e gênero

O acto sexual é um momento de produção e troca de fluídos e estudos mostram como a essa troca de fluídos sexuais é simbolicamente importante e carregada de significados, tanto nas relações heterossexuais e matrimoniais como também nas relações homoafectivas, além da sua grande importância atribuída no que diz respeito à procriação.

De acordo com Niehaus (2002), na percepção dos residentes de Green Valley, os encontros sexuais heterossexuais são uma troca de sangue entre os amantes que garante o suprimento equilibrado deste fluído no corpo, considerado essencial para a manutenção da boa saúde. Ao mesmo tempo que os encontros sexuais são vistos como uma fonte de poder, pela capacidade de drenar o poder das pessoas, também são considerados perigosos. O sexo é considerado como uma fonte de contaminação pois transfere substâncias entre os corpos dos amantes. Os amantes temem excessivas misturas de substâncias e procuram ser cautelosos do sexo que possa trazer más consequências. Para os residentes desta vila, o homem pode absorver as substâncias dos homens com os quais uma mulher dormiu, através dela, o que torna o contacto entre homens que dormiram com a mesma mulher, potencialmente fatal.

A troca de fluídos durante a relação sexual não apenas tem significado em grupos heterossexuais mas também para grupos homossexuais. Warner (2005) mostrou como, para a comunidade de homens estudados, a troca de sémen era necessária para o sentimento de conexão. O sémen dado ao parceiro era como um presente e a recusa a dar ou a receber era uma espécie de afronta para as suas práticas. Essa troca era também percebida como um veículo de conexão além do orgasmo, como uma fantasia de família estendida que criava uma relação de pai e filho. Os autores entendem que como parte de um sistema simbólico de fantasia, a troca de sémen é necessária na vida sexual desses homens.

Outras formas de sexo que não sejam o sexo vaginal, como o sexo oral, o sexo anal e até a masturbação são vistos como prejudiciais para o bem-estar mental e físico do homem, além de que

a masturbação é vista como algo que pode por em causa a identidade masculina, uma vez que pensa-se que esta é uma atitude de rapazes e não de homens. A masturbação é também considerada um desperdício de sémen que é bastante importante para a procriação pois simboliza a responsabilidade masculina de procriar e cuja principal função é a reprodução (Bond e Dover 1997; Coast 2007).

Para os residentes na área rural da Jamaica, embora o sexo também possa servir para a diversão, ter sexo sem a possibilidade de concepção compromete o ideal cultural e social de reprodução, a mistura de substâncias e o estabelecimento de laços sociais. Para a criação destes laços, as substâncias precisam fluir entre os corpos e não devem ser bloqueados. Os fluídos sexuais masculinos e femininos são considerados tipos paralelos de sangue que precisam estar devidamente misturados para levar a concepção, assim o feto é essencialmente um coágulo de sangue misto (Sobo 1993).

O sémen não só é biologicamente importante para a fecundação, mas também simboliza a responsabilidade social de procriar. Para os Chiawa, o sémen é visto como o catalisador da reprodução, sendo a primeira ejaculação importante para a reprodução. Este deve ser grosso, cremoso e pegajoso para ser considerado e boa qualidade considerada extremamente importante por ambos sexos para a procriação (Bond e Dover 1997).

Além de ser importante para a concepção, o sémen é importante durante toda a gravidez. Os Wari, na Amazônia, acreditam que o feto é a criação da união do sangue materno e o sémen paterno, enquanto o sangue da mãe forma o sangue do feto, o sémen do pai forma o corpo. Para estes, a concepção deriva de vários encontros sexuais e do acúmulo de sémen após múltiplas relações sexuais, assim, acreditam que encontros casuais não gerem uma criança. A ideia de que o sémen constitui o corpo do feto sugere que o casal deve ter sexo constantemente durante a gravidez, caso não tenham, acreditam que podem colocar o feto em perigo (Conklin e Morgan 1996).

Existem, no entanto, situações nas quais a mistura de substâncias é considerada prejudicial. Niehaus (2002) menciona que para os residentes de Green Valley quando as mulheres envolvem-se em relações extraconjugais ao longo da gravidez, elas podem absorver substâncias de outros homens, o que coloca a criança em risco de nascer aleijada. A multiplicidade de substâncias é também associada a abortos espontâneos.

Os significados associados aos fluídos ou substâncias corporais revelam, também, dinâmicas de género presentes em vários grupos sociais. Estudos mostram como, para esses grupos, o sangue e sémen masculino são considerados importantes e essenciais para a saúde e o bem-estar da mulher. Em Green Valley, os homens veem o corpo masculino como proeminentes na reprodução física e consideram que o corpo feminino é um mero recipiente e que o seu sangue meramente ajudaria a misturar o sangue masculino (Niehaus 2000).

Numa mesma perspectiva, o estudo sobre atitudes ligadas ao uso de preservativos, de Plummer et al (2006) menciona que na área rural de Tanzânia é considerado importante que o homem ejacule na sua parceira, sem barreiras pois quando este entra dentro do corpo da mulher ele dá força a mulher, deixa-a mais bonita e mais alta. Também entre os Wari, estudados por Conklin e Morgan (1996), o sémen é visto como tendo propriedades vitalizantes que transformam o corpo feminino. Estes consideram que quando uma rapariga tem sexo pela primeira vez, é importante a infusão de sémen pois este estimula o seu sangue e melhora-o em quantidade e em qualidade, o que, conseqüentemente, faz que ela engorde e fique mais alta e mais forte e com capacidade de fazer trabalhos de mulheres. Para este grupo, o sémen também ajuda a catalisar a produção do sangue menstrual pois este é o produto de uma conexão entre o corpo feminino e o corpo masculino.

Gausset (2001) também identifica dinâmicas de género no seu estudo entre os Tonga. Indivíduos pertencentes a este grupo, proveniente da Zâmbia, acreditam que a mulher somente pode atingir o orgasmo quando ela recebe o sémen do homem no seu útero. Os homens, neste grupo, pensam que as mulheres necessitam sentir o esperma para ter prazer. Na mesma linha, Bond e Dover (1997), no estudo sobre uso do preservativo na zona rural da Zâmbia, mostram que o sémen dentro da mulher não apenas cumpre o papel reprodutivo do homem, mas também é visto como importante na satisfação da mulher, tornando-a mais doce e mais quente.

Em Moçambique, destacam-se no campo da antropologia, alguns estudos que mostram a importância do fluxo e troca de fluídos sexuais durante a relação sexual. Num estudo sobre as percepções e práticas sexuais entre jovens na cidade de Maputo, Manuel (2009) mostra como as percepções sobre o amor estão ligadas à prática daquela que é considerado um “sexo verdadeiro” onde não existe nenhuma barreira e se possa sentir o calor e o sangue o parceiro. O sangue e o calor são considerados importantes no acto sexual uma vez que “sangue é usado simbolicamente

para representar o contato mais profundo que acontece com a prática de sexo sem proteção entre namorados” (Manuel 2009: 19).

Embora seja considerada importante a troca de fluídos sexuais durante o coito, estudos mostram que, em alguns contextos, estes não são tão desejáveis. Em *Momentos liminares: dinâmica e significados no uso do preservativo*, Gune (2008) mostra como os fluídos sexuais carregam consigo uma ambiguidade uma vez que, por um lado, são vistos como facilitadores da lubrificação mas, por outro, são poucos desejáveis por questões eróticas e higiênicas. Na mesma ordem de ideias, em um estudo sobre noções de estética e erotismo entre mulheres, realizado na província de Tete, em Moçambique, Bagnol e Mariano (2009) falam da importância que é atribuída ao sexo quente, entretanto mostram que existe uma preferência por um sexo mais seco, com ausência ou com pouca lubrificação da vagina para um sexo mais prazeroso, tanto para o homem, quanto para a mulher. As autoras mostram de que forma, o alongamento dos lábios vaginais e o uso de remédios e plantas tradicionais ajudam a reduzir a “água” da vagina para proporcionar o desejável sexo quente, sexo apertado, com uma maior fricção.

2.3. Corpo, substância corporal e tecnologia

Ao longo dos anos 90 surge um grupo de antropólogos que, influenciados pela antropologia médica e pelos estudos sobre o corpo e a tecnologia, procuram compreender práticas sociais centradas no sangue, mas fora do corpo, como transfusões e doações de sangue. Em um trabalho realizado no Si Lanka, Simpson (1992) explora as aspirações do governo local em criar um serviço de doação de sangue, no qual são articuladas as ideias de cidadania e solidariedade nacional. Neste estudo o autor mostra que em contextos de emergência nacional, a capacidade de resposta aos apelos por sangue ofusca a aspiração de fornecer sangue voluntariamente pelos indivíduos, de acordo com as expectativas.

Com um foco parecido, Copeman (2008) analisa a relação entre doação de sangue e o conceito de violência e não-violência. Este autor analisa uma tradição sagrada indiana cujos devotos doam sangue em grandes quantidades para transfusão. Esta etnografia revela que a prática de doação de sangue abre novas possibilidades de configuração conectiva e permite que os doadores formem relações a uma distância. Esta é representada como um sacrifício pela nação.

Estas duas correntes de análises receberam críticas por estabelecerem uma separação analítica entre a realidade material das substâncias corporais e os seus simbolismos. Num estudo realizado no Chile, entre os Pehuenche, Bonelli (2014) argumenta que para este grupo, o sangue transcende a binaridade material/simbólico. A partir desta camada de atenção estudos recentes, influenciados pela Antropologia da cultura material, têm prestado atenção para propriedades físicas das substâncias, como o sangue. Carsten (2011) sugere que fazemos conexões entre as qualidades materiais das substâncias e as relações que suas transferências colocam em andamento.

Nota-se que grande parte dos estudos referenciados nesta revisão de literatura, chamam atenção para a importância que os grupos sociais atribuem ao fluxo das substâncias corporais (Sobo 1992; Niehaus 2000; Thornton 2002). É importante, para estes grupos, que os fluídos possam fluir, não somente no corpo de um indivíduo, mas também de forma interpessoal, garantido o bom funcionamento do grupo e também a criação e manutenção de laços de parentesco e laços sociais. Por um lado, Sobo (1992) destaca que para a criação de laços de parentesco jamaicanos, é necessários que as substâncias corporais fluam entre os corpos. A importância do fluxo interpessoal, relacionado à reciprocidade baseada no parentesco mostram o quão o fluxo é privilegiado na Jamaica. Por outro, de acordo com Thornton (2002) o fluxo de substâncias é embutido em noções culturais de pessoa, valores, corpos e trocas do que no discurso biomédico dos corpos como organismos biológicos.

3. Metodologia

Neste capítulo para além de fazer uma descrição e reflexão sobre os métodos e as técnicas usadas para a produção de dados, registo e tratamento de dados, faço uma descrição e reflexão sobre o processo de trabalho de campo, desde a minha imersão no campo, a minha relação com os participantes e as estratégias adoptadas para conseguir identificar e conseguir uma abertura por parte das participantes para partilharem as suas experiências.

3.1. Contexto de pesquisa

O trabalho etnográfico decorreu no centro da cidade de Quelimane e bairros arredores como Brandão e Coalane, por um período de 30 dias, entre os meses de Outubro e Novembro do ano de 2020. Foram entrevistadas seis mulheres com idades entre os 24 e os 46 anos, residentes na cidade de Quelimane e que tiveram experiências de gestão de secreções vaginais. Três das mulheres entrevistadas nasceram em distritos arredores de Quelimane e migraram, com suas famílias, para a cidade de Quelimane, na infância e na adolescência, à procura de melhores condições de vida, duas das participantes nasceram e cresceram no centro da cidade Quelimane e uma nasceu na cidade da Beira mas migrou para Quelimane na adolescência. Todas as mulheres entrevistadas mencionaram que passaram pelos ritos e iniciação na puberdade e tiveram experiência com gestão de diferentes secreções ao longo da vida.

Também foram entrevistados quatro homens, com idades entre os 28 e os 40 anos. Dois dos homens eram solteiros e os outros dois viviam maritalmente. Foram também entrevistados uma enfermeira do sistema público de saúde e um médico tradicional pois mostrou-se necessário para complementar informação.

3.2. Imersão no campo

A minha imersão no campo iniciou com contactos feitos com a assistente de campo, antes de viajar para Quelimane. Um colega indicou a sua irmã pois esta conhecia várias mulheres na cidade e já

tinha experiência com trabalhos similares ao de assistente de campo. Logo no primeiro dia de estadia conheci pessoalmente a assistente e iniciei com algumas observações e conversas informais. Após me hospedar, saí do hotel em direcção ao ponto de encontro com a assistente e, enquanto caminhava até lá, observei as pessoas, lugares de concentração de pessoas como escolas, mercados, barracas e o que elas faziam nesses locais.

Quando encontrei a assistente, conversamos por alguns minutos e decidimos ir à uma mercearia para comprar água pois estava muito quente. Enquanto caminhávamos até a mercearia conversávamos sobre o meu projecto e sobre o trabalho que pretendia fazer em Quelimane. Depois de cerca 20 minutos de caminhada, paramos numa mercearia para comprar a água. Ao lado da mercearia, tinha um salão onde estavam quatro mulheres a jogarem cartas, duas das quais eram conhecidas da assistente de campo. Cumprimentamos as mulheres e a assistente apresentou-me à elas e explicou-lhe que eu era estudante e estava lá para o trabalho de campo. Observei que o jogo de cartas que as mulheres estavam a jogar, me era familiar e pedi para me juntar à elas, vendo ali uma oportunidade de começar algumas conversas para saber um pouco sobre as dinâmicas daquela cidade.

O jogo de cartas era chamado de “Bisca”³ e, enquanto jogávamos, conversávamos sobre assuntos como formas e locais de entretenimento mais frequentados em Quelimane, relações de namoro e conjugais, maternidade, práticas de higiene feminina e alongamento dos lábios vaginais, menstruação e corrimento.

Durante a conversa, as mulheres explicaram-me que o jogo de bisca era muito popular na cidade o que vim a confirmar ao longo do trabalho de campo pois. Em vários momentos vi grupos de pessoas nos quintais, nas ruas, debaixo de sombras de árvores, nos bares, nas mercearias e mercados a jogaram bisca. Enquanto jogavam, as pessoas conversavam sobre aspectos da vida e cuidavam de seus negócios.

Inspirada por Geertz em 1958, na sua chegada em Bali, na qual a briga de galos ajudou-o na sua imersão no campo e permitiu ao autor aproximar-se dos seus participantes de estudo, percebi que

³ Jogo de bisco é um jogo de cartas de baralho, no qual o objectivo é acumular mais pontos do que o adversário. A cada rodada é escolhido naipe que se considera mais valioso que os outros, sendo que todas as cartas com o naipe escolhido são as mais valiosas, respeitando uma certa hierarquia, da maior até a menor. Pode ser jogado individualmente, em duplas ou em trios.

o jogo bisca deu-me acesso aos participantes, ajudou-me a estabelecer as primeiras interações e a tentar uma aproximação com algumas das mulheres que seriam potenciais participantes de estudo. Ao longo do jogo fui captando alguns pontos que foram desenrolados nos próximos dias do trabalho de campo. Foi também a partir do jogo que selecionei uma das participantes de estudo pois ao contar um pouco sobre sua experiência com algumas secreções vaginais, percebi que esta seria interessante para a produção de dados. A participação nesses jogos deu-me acesso também à eventos onde pude interagir mais com as participantes de obter mais informações.

3.3. Interação com os participantes

Desde o início da pesquisa, aquando da minha imersão no campo, estabeleci uma boa relação com os meus participantes de estudo. Existem alguns elementos que considero que tenham contribuído para este cenário como minhas qualidades pessoais, o facto de ser uma mulher a interagir com outras mulheres que, para além de ser do mesmo sexo, viveu algumas experiências que se assemelham as das participantes de estudo, contribui para criar uma relação de proximidade.

De acordo com Hammersley e Atkinson (2007) algumas características como o género, idade, raça e identificação étnica podem moldar as relações com as pessoas em estudo. Estas características podem dificultar ou facilitar na condução da pesquisa. O facto de ser uma mulher, a fazer uma pesquisa com outras mulheres e de ter tido alguma experiência com corrimento vaginal, contribuíram bastante para criar uma boa relação com as participantes de estudo. Durante as conversas informais e as entrevistas foram surgindo aspectos em comum entre mim e as participantes, o que as deixou a vontade para partilhar as suas experiências.

Apesar de ter estabelecido uma boa relação com os participantes de estudo, dada a partilha de experiências, importa reflectir sobre a minha postura como pesquisadora. Num intuito de assegurar a cientificidade da Antropologia, autores defende uma certa objectividade na forma de conduzir o trabalho de campo e no discurso do antropólogo que é posteriormente, uma postura *etic*, como caracteriza Batalha (1998). Com bastante influência do positivismo, as chamadas epistemologias objectivistas trazidas por Crotty (1998), defendem que os cientistas sociais, em especial os antropólogos, devem manter uma certa neutralidade nas suas pesquisas de forma a garantir interpretações globais e generalizantes, que garantam cientificidade à disciplina antropológica.

Considero importante rigorosidade na aplicação dos métodos, técnicas, conceitos e teorias na antropologia, entretanto penso que seja problemático se pensar numa total objectividade e neutralidade no trabalho antropológico. Como defende Madden (2010) existirão sempre questões intrínsecas e extrínsecas ao pesquisador que irão influenciar na forma como este irá conduzir a sua pesquisa e, conseqüentemente, às conclusões a que irá chegar.

Llobera (1996) chama atenção para que a antropologia não leve a subjectividade ao extremo no trabalho de campo, o autor acredita que observa-se actualmente uma explosão incontrolável da subjectividade. Este dilema objectividade/subjectividade foi um desafio que esteve presente não somente durante o trabalho, mas também na análise de dados. Por partilhar algumas experiências com as participantes havia um constante risco ignorar alguns aspectos importantes para os resultados de estudo, por considerá-los “naturais” ou menos importantes. Entretanto havia sempre o cuidado de manter esta “vigilância epistemológica”.

Os termos que a guia de campo usava para referir-se a mim, podem também ter sido um factor que influenciou na forma como decorreu o trabalho de campo. Termos como doutora e mestre e, principalmente o facto de ela mencionar sempre que eu vinha de Maputo e da Universidade Eduardo Mondlane, algumas vezes me passava a impressão de que as pessoas aceitavam ser entrevistadas por eu reunir estas características. Algumas vezes esta chegava mesmo a mencionar o facto de eu ser relativamente mais nova que ela e que as participantes e, mesmo assim, já ter terminado a licenciatura e estar prestes a terminar o mestrado.

Em alguns momentos durante as entrevistas ou as conversas informais, quando as participantes iam convidar-me para o almoço, ouvia frases como “dra. come isto ou aquilo?”, “servido dra.”. Este cenário deu-se nos principalmente nos primeiros dias, procurava sempre lembrar à minha guia que não havia necessidade do uso destes termos e pedia sempre que tanto ela, como as participantes me chamassem pelo nome.

3.4. Técnicas de produção de dados

Para a produção de dados, recorri a três principais técnicas de pesquisa qualitativa, a observação, as entrevistas semi-estruturadas e as conversas informais. Em alguns momentos foram aplicadas

duas técnicas em simultâneo, em casos nos quais durante a conversa ou entrevista, observava as reacções e expressões das pessoas.

3.4.1. Observação

A observação foi a primeira técnica de produção de dados usada para perceber as dinâmicas da cidade de Quelimane. Foram observados os locais onde as pessoas encontravam-se para conversar ou entreter-se por considerar que estes eram locais onde possivelmente podia encontrar participantes para o meu estudo, pelo menos nos primeiros dias. Observei pontos como mercados, salões de cabeleireiro e mercearias ou barracas. Foi em alguns destes locais que, com ajuda da guia de campo, selecionei algumas participantes de estudo.

Observei também as rodas de conversas em diferentes locais para perceber como eram configuradas das interações entre as pessoas, para perceber com quem e em que circunstâncias as pessoas conversavam umas com as outras. Em alguns momentos a observação foi usada para identificar que tipo de assuntos eram abordados nas rodas das conversas entre mulheres. As observações eram feitas no período da manhã e ao fim do dia e tinham uma duração que variava entre 30 minutos e uma hora. Recorri à observação, pois esta é uma técnica importante na Antropologia, principalmente nos primeiros momentos do trabalho de campo, para que o pesquisador perceba dinâmicas importantes do contexto de pesquisa. Inspirada na definição de Marconi e Lakatos (2003) de que a observação é um elemento básico da investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia. Esta técnica me permitiu ter acesso ao contexto de pesquisa através da visão e a audição.

3.4.2. Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com participantes previamente selecionadas a partir da observação e das conversas informais. Enquanto fazia algumas observações e conversava informalmente com mulheres e homens, selecionava prováveis participantes para o estudo.

Além destas mulheres, foram entrevistados também três homens adultos, pois durante conversas e entrevistas com mulheres, estas comentavam sempre sobre os constrangimentos que sentiam durante as relações sexuais com seus parceiros por conta das secreções vaginais, principalmente quando acompanhadas de mau odor. Daí surgiu a necessidade de conversar e entrevistar alguns homens para compreender o que estes pensam sobre as secreções vaginais e o que pensam sobre as suas mulheres que tem ou tiveram experiências com as secreções.

As entrevistas foram realizadas em locais, datas e horários previamente acordados por mim e pelos participantes. Grande parte das vezes estas decorreram nas casas dos participantes ou no seu local de trabalho, no horário entre as 10 e as 15 horas. As entrevistas tinham uma duração entre 30 minutos a uma hora e meia.

As entrevistas foram dirigidas consoante um guião de perguntas previamente elaborado por mim, entretanto, a dada altura, eram colocadas algumas questões de insistência no sentido de compreender melhor o que o participante falava, mas também no sentido de direcionar o participante, em momentos em que as suas respostas fugiam do que foi perguntado. As perguntas de insistências permitem, segundo Weiss (1994) que o pesquisador reorienta e re-situa o entrevistado, pedindo descrição detalhada do que aconteceu, por vezes, comparando os eventos, convidando-o a focar-se em novos tópicos sem ferir e sem desvalorizar sua vontade para descrever outros assuntos. Neste sentido, o guião de perguntas serviu como uma base para a conversa, nalguns momentos, de acordo com a dinâmica da conversa, as perguntas eram feitas na ordem invertidas e algumas nem eram feitas, na medida em que o participante já respondia ao longo da sua explanação.

Durante as entrevistas explorei os conhecimentos que mulheres e homens tinham sobre as secreções vaginais, a proveniência desses conhecimentos, ouvi as experiências destas mulheres com secreções, explorei as diferentes práticas adoptadas para lidar com as secreções. Explorei também os diferentes itinerários percorridos pelas mulheres em contexto de gestão das secreções, as pessoas com as quais elas interagem, as pessoas envolvidas no processo de gestão. Procurei também explorar o lado emocional das participantes de estudo, para saber como estas sentiam-se quando tivessem de lidar com as secreções.

Em alguns momentos, durante as entrevistas, também partilhava as minhas experiências com as minhas participantes, conversávamos sobre os aspectos em comum em relação a como lidávamos com as secreções, como nos sentíamos emocionalmente em relação aos odores que vinham acompanhados e de como as secreções vaginais interferiram nas nossas relações com parceiros e com outras pessoas do nosso meio social. A partilha das minhas experiências com as participantes de estudo parte da necessidade da redução de uma relação de extração entre pesquisador e participantes, bastante criticada por Ruben e Sluka (2007) e que segundo estes autores, tem caracterizado grande parte das etnografias. Estes autores chamam atenção a necessidade de se ter em conta também as experiências subjectivas das pessoas com quem trabalhamos, mas também dos pesquisadores.

3.4.3. Conversas Informais

Bastante produtivas, as conversas informais ajudaram, não somente para a minha imersão no campo, mas também para captar opiniões dos participantes expressas da forma mais espontânea. Por terem decorrido em locais descontraídos e informais, como barracas, festas familiares e mercados, em que as pessoas falavam abertamente sobre as suas experiências e as experiências de pessoas próximas, as conversas informais foram úteis pois permitiram captar e recolher questões gerais sobre o que as pessoas sabem ou pensam sobre as secreções vaginais e sobre o que se faz para lidar com as mesmas.

Durante as conversas as participantes partilhavam os seus conhecimentos sobre as secreções vaginais, as diferentes formas e momentos nos quais aparecem e se manifestam no corpo. Partilhavam também histórias de como e com quem aprenderam a lidar com as secreções vaginais deste a adolescência. Estas informações, permitiram reformular algumas questões do guião das entrevistas semi-estruturadas e elaborar outras que não tinham sido pensadas antes da ida ao campo.

As conversas informais permitiram também seleccionar participantes com as quais seria interessante fazer as entrevistas semi-estruturadas. Conforme iam partilhando as suas experiências e de pessoas conhecidas, eram seleccionadas as participantes com experiências relevantes para os objectivos do estudo e que necessitavam ser aprofundadas para melhor compreensão.

Entre vários assuntos, conversávamos sobre relacionamentos de namoro ou maritais, higiene íntima feminina, ITS's, práticas adotadas para prevenir, lidar ou até tratar as diferentes secreções vaginais, desconfortos durante as relações sexuais com parceiros, comentários ou conversas tidas com parceiros sobre as secreções e o desconforto com alguns odores provocados por estas. Estas conversas foram bastante úteis nos primeiros dias do trabalho de campo, pois permitiram-me ter noção de assuntos que podiam ser aprofundados. Permitiram também rever o guião de entrevistas que tinha sido elaborado antes da ida ao campo, com as informações que colhia durante as conversas, começava a ter noção de perguntas que seriam importantes de se colocar às participantes de estudo.

3.5. Registo e tratamento de dados

Durante o trabalho de campo, além das técnicas de produção de dados, foram usados alguns instrumentos para recolha e registo da informação recolhida. Para o registo da informação recolhida foram usados um caderno que servi de bloco de notas onde anotava toda a informação recolhida das observações, das conversas informais e das entrevistas. Foi usado também o bloco de notas do celular em momentos em que se tornava complicado escrever no caderno, pela dinâmica da conversa ou ao decorrer das observações. Um terceiro instrumento usado foi o gravador de voz do celular, este permitiu registar todas as entrevistas, com a autorização dos participantes.

Além destes três instrumentos, foi usado ainda um caderno que servia como diário de campo, no qual anotava questões relativas à minha experiência como pesquisadora, a minha relação com os participantes e toda a parte emocional relativa a minha estadia na cidade de Quelimane. Anotava as coisas que me fascinavam naquela cidade, naquelas pessoas e até os meus medos, principalmente no que diz respeito ao contexto no qual o trabalho de campo decorreu, um contexto de pandemia onde muitas pessoas com as quais interagia, sequer acreditavam na existência da doença.

Com base na classificação do tipo de notas etnográficas feita por Van Maanen, citado por Emerson (2013), classifico as minhas notas como confessionais, aquelas que incorporam a experiência do pesquisador durante o trabalho de campo e, ao mesmo tempo, como impressionistas por

envolverem histórias daquela cidade e daquelas pessoas que me marcaram e marcaram a minha experiência como pesquisadora.

As primeiras leituras e análises dos dados foram feitas ainda em campo, no sentido garantir que a pergunta de pesquisa podia ser respondida e, também, para verificar a necessidade de reformulação ou elaboração de outras perguntas que fossem importantes de serem feitas e respondidas. A análise dos dados foi feita a partir de uma triangulação das informações que iam sendo colhidas a partir das três técnicas usadas e também a luz da literatura que tinha sido consultada na elaboração do projecto.

Estas primeiras análises permitiram identificar os principais assuntos que vinham à tona nas conversas, entrevistas e observações, permitiu identificar os pontos em comum nas entrevistas e os pontos divergentes. Após a identificação destes pontos, os dados foram agrupados em categorias que foram posteriormente considerados como subcapítulos.

Enquanto fazia a análise de dados, revisitava sempre os objectivos específicos e o objectivo geral, no sentido de auferir se estes eram respondidos. Decerto que surgiram questões que não tinham sido consideradas na elaboração do projecto, estas questões tiveram a devida atenção pois também ajudaram a compreender melhor os dados.

Desta análise de dados feita, surgiram eixos temáticos que possibilitaram a construção do corpo dos resultados da pesquisa. Estes eixos foram agrupados tendo em consideração a forma como forma descritos os objectivos específicos desta dissertação. Cada subcapítulo dos resultados da pesquisa condiz com o respectivo objectivo específico.

3.6. Limitações enfrentadas no decorrer do trabalho de campo

No decorrer do trabalho de campo, enfrentei algumas limitações para as quais foram adoptadas estratégias para lidar com as mesmas. As principais limitações estavam relacionadas com a dificuldade de entrevistar ou interagir com alguns participantes que eram importantes para iluminar a minha compreensão sobre o tema do estudo.

A primeira limitação estava relacionada com a necessidade de entrevistar homens, idealmente os parceiros das participantes de estudo, uma vez que, em alguns casos, a experiência de gestão das secreções foi partilhada com os parceiros. Algumas participantes submeteram-se à tratamentos com os parceiros, por essa razão, penso que seria interessante explorar a experiência e as percepções dos homens. Entre as razões de ter tido esta limitação, estava o desconforto dos parceiros em partilhar essa experiência íntima e também a disponibilidade para as entrevistas.

Como forma de superar este desafio, foram selecionados alguns homens, que tivessem um perfil parecido com o dos parceiros das participantes. Homens que fossem casados ou vivessem maritalmente e que tivessem ou tivessem tido uma parceira que já teve experiência com e de gestão de corrimento.

Durante o trabalho de Campo, procurei realizar entrevista com profissional da saúde que lidasse com casos de mulheres que procuram tratamento para corrimento, entretanto não foi possível fazer esta entrevista devido algumas exigências e burocracia que foi impossível de seguir por conta do período curto no qual foi realizado o trabalho de campo, apenas 30 dias. Não foi possível tratar destes trâmites antes da ida ao trabalho de campo pois, a necessidade de ter esta entrevista surgiu após ter tido algumas conversas informais e entrevistas, já em trabalho de campo.

Para superar este desafio, identifiquei, com a ajuda da guia de campo, uma enfermeira que trabalha na área de saúde sexual e reprodutiva, em um centro de saúde localizado na cidade que Quelimane, com a qual tive conversas sobre as causas, a formas como se manifesta e o tratamento de corrimento vaginal.

4. Resultados: Secreções vaginais como impurezas

4.1. A preparação dos corpos

Existe, entre os vários grupos sociais, uma ideia de que há um trabalho que deve ser feito para preparar os corpos, de maneira que estes estejam em condições de interagir uns com os outros e haja uma socialidade saudável. Por essa razão é estabelecido o que se considera a maneira ideal do corpo se apresentar, que varia de acordo com cada grupo social. Desta maneira, são estabelecidas práticas quotidianas, a partir das quais se faz o preparo do corpo, algumas delas referentes aos cuidados com a higiene.

Os rituais diários do corpo, como sugere Miner (1956) são realizados e policiados no dia-a-dia, por indivíduos que partilham do mesmo imaginário, através de comentários, chamadas de atenção e, alguns casos, exclusão dos que não estão em conformidade com os corpos desejáveis. Em seu estudo, este autor sugere que existe uma crença de que o corpo humano tem, naturalmente, uma tendência a adoecer e por isso há um trabalho que é feito sobre os corpos para que estes estejam apresentáveis na relação com outros.

Dentro deste ideal de como os corpos devem se apresentar, existem um senso de o corpo deve estar seco, sem fluídos aparentes, ou quando estejam aparentes, que seja em circunstâncias específicas, nas quais se espera que estes fluídos apareçam. Tomemos o exemplo do suor, é considerado normal que depois de algum esforço físico ou em dia de altas temperaturas, a pessoa fique suada, é o funcionamento natural do corpo. Entretanto, em outras circunstâncias como por exemplo num dia fresco ou frio, não é suposto que a pessoa tenha suor a escorrer pelo seu corpo.

Archambault (2022) mostra como o suor pode ter diferentes significados, dependendo do contexto no qual é produzido, enquanto em alguns momentos as pessoas tenham aversão ao suor, em algumas circunstâncias o suor aparece como produto de trabalho honesto e, em contextos de prática de exercícios físicos, por exemplo, pode ser associado à produtividade. Entretanto, embora existam esses momentos específicos, nas interações diárias o suor não é algo agradável, tanto a nível individual, quando na interação com os outros.

O odor é outro elemento a partir do qual se pode constatar se o corpo está em condições de interagir com outro. Ainda neste ideal de corpo socialmente aceitável, existem aqueles odores que são aceitáveis, geralmente aqueles que são moderados, naturais e que se consideram que sejam

normais. Mesmo para esses cheiros que são naturalmente emitidos pelo corpo, existem mecanismos para controlá-los e evitar que causem desconforto tanto ao indivíduo, quando aos que consigo interagem.

Segundo Mary Douglas (1966) as sociedades definem e procuram sempre criar uma ordem, havendo, entretanto, momentos de desordem nos quais os indivíduos agem ou encontram-se fora da ordem. Para a autora existindo uma ideia genérica de ordem social, que pode ser considerado com um estado de pureza, a desordem é então representada pela impureza, na qual a ideia de impuro é associada o cuidado com a higiene.

As noções de pureza e impureza são exploradas nas análises de antropólogos sobre os diferentes fluídos do corpo, como podemos ver em Turner (1967) Niehaus (2002); Thornton (2002). Estes autores discutem como as características físicas dos fluídos, o seu aparecimento em momentos contexto faz com que estas sejam consideradas necessárias ou impuras. Enquanto existem aqueles fluídos que são desejáveis e se considera importante que eles fluam dentro do corpo ou entre os corpos para a manutenção da ordem social, como é o caso do sémen, existem aqueles que são considerados impuros, que representam perigo à dimensão física, ao corpo do indivíduo mas também à dimensão social, colocando em perigo o equilíbrio familiar e social.

No universo dos fluídos produzidos pelo corpo humano, existem, por um lado, aqueles que podemos considerar frequentes e são produzidos em determinados momentos e, por isso, são tidos como normais, por exemplo as lágrimas, o suor, o sémen, a menstruação e alguns tipos de secreções vaginais. Embora sejam frequentes e naturais, alguns desses fluídos são considerados impuros e levam ao indivíduo à um estado de impureza. O exemplo mais conhecido é a menstruação, antropólogos como Turner (1967), Sardenberg (1994), Hoskins (2002) já discutiram em seus estudos, como este fluído corporal é tido com uma poluição, que coloca em risco a ordem social, gerando inclusive tabus.

Por outro lado, existem aqueles fluídos que são atípicos, que não são normais e são geralmente resultado de algum problema que afecta o funcionamento normal do corpo. Estes fluídos são impurezas em si pois representam o contrário do que é esperado e desejado no corpo. Um exemplo

desses fluídos são algumas secreções vaginais, que em Quelimane são chamadas de corrimento⁴. As características dessas secreções como o cheiro, o volume e a textura levam a mulher a um estado de impureza, no qual é preciso que se faça um trabalho ou para minimizar o estado de impureza enquanto ele dura ou eliminá-lo.

4.2. As dimensões das secreções vaginais como impurezas

No contexto das impurezas, existem aquelas que são expectáveis e normais, uma vez que existe a noção de que derivam do funcionamento normal do corpo humano. Existem adicionalmente aquelas que podem ser expectáveis, no entanto são tidas como atípicas, havendo noção da sua existência, entretanto não são frequentes e nem desejáveis.

Entre as secreções vaginais, existem aquelas que são tidas como normais e outras como anormais. As secreções tidas como normais são aquelas que derivam do funcionamento normal do ciclo menstrual de todas as mulheres, desde a puberdade. As participantes identificaram como secreções normais, o corrimento observado durante o período fértil, o corrimento que aparece na fase pré-menstrual, a própria menstruação e a lubrificação.

É considerado normal ter essas secreções ao longo do ciclo menstrual, por essa razão as mulheres esperam ter em determinados períodos. Para serem categorizadas como normais, elas devem apresentar algumas características como aparecerem sem nenhum cheiro ou com cheiro moderado, que não cause nenhum desconforto, nem à própria mulher e nem aos outros à sua volta. Também são consideradas normais as secreções que tenham um volume relativamente menor⁵ e quando aparecem dentro do período que se espera que apareçam e por um tempo relativamente curto e dentro do esperado⁶.

⁴ Enquanto na biomedicina a palavra corrimento é usada para referir tanto as secreções normais, quanto as anormais, para os participantes deste estudo, a palavra corrimento é usada para referir aquelas secreções anormais, com cheiro desagradável, maior volume, textura mais pastosa e comichão, geralmente aquele corrimento que aparece como sinal de existência de alguma infecção sexual.

⁵ O volume normal do corrimento, segundo a biomedicina, é de 1 a 4ml de fluído durante 24 horas. <https://www.sanarmed.com/resumo-sobre-corrimento-vaginal-completo-sanarflix>

⁶ É considerado normal ter secreções vaginais em alguns períodos do ciclo menstrual como período fértil e o período que antecede a menstruação. Normalmente espera-se que estas secreções durem de três a dois dias.

Existe aquele corrimento normal, que sai meio branco assim e sem cheiro, esse corrimento pode aparecer antes de começar o período. Eu sempre que vejo esse corrimento já sei que daqui a dois ou três dias, meu período vai começar. Quando vou tomar banho vejo na calcinha umas coisas brancas, muito brancas mesmo, parecidas com leite (Júlia, 27 anos de idade, doméstica, vive maritalmente, Coloane, 26 de Outubro de 2020).

Isso de corrimento é uma doença geral, muitas mulheres têm isso, é normal para as mulheres. Muitas mulheres sofrem disso, até aqui mesmo neste bairro tem muitas. Todas as minhas amigas já tiveram corrimento. Já tiveram, ainda tem, mesmo depois de ter filhos muitas ainda tem (Tânia, 32 anos, cabeleireira, vive maritalmente, 19 de Outubro de 2020).

As participantes mencionaram também um tipo de secreção pastosa e de cor branca, que era considerada normal entre as participantes do estudo pois estava relacionado à um hábito comum naquela cidade, que é o cultivo de arroz. As participantes estabeleceram uma relação entre o aparecimento destas secreções com o cultivo de arroz, que é uma prática bastante comum entre os habitantes da cidade. As participantes mencionaram que por haver cultivo de arroz, este produto alimentício está sempre disponível e sempre fresco e, por isso, era bastante comum que as pessoas comessem o arroz cru enquanto estavam nas machambas a fazer a colheita, ou mesmo o seu dia-a-dia. Nas entrevistas algumas mulheres mencionaram que achavam normal ter estas secreções esbranquiçadas pois costumavam comer o arroz cru, como podemos ler no trecho a seguir:

As vezes podes ter corrimento por causa de mastigar arroz cru. Aqui em Quelimane com tem muitas pessoas que plantam arroz, depois aquele arroz é fresco e tem sabor, não esse arroz que vendem na loja, muitas pessoas comem arroz cru. Minha mãe me disse que aquilo pode provocar corrimento também. Você mastiga aquele arroz depois de uns dois dias, aquele corrimento começa a descer mas não demora. Pode ficar só um dia e nem tem cheiro e as vezes você vê que sai com uns pedacinhos de arroz (Dirce, 30 anos, empreendedora, vive maritalmente, Brandão, 12 de Outubro de 2020)

As secreções expetáveis atípicas, por sua vez, são aquelas as quais existe noção de que podem existir mas estas ocorrem de uma forma diferente do esperado, com características diferentes das normais. Ao contrário das secreções normais as características das secreções atípicas estão muito além do que é considerado aceitável para apresentação do corpo feminino, na interação com os outros. Elas aparecem associadas de um cheiro mais forte e desagradável, perceptível tanto pela

mulher, quando pelos outros à sua volta, com uma duração mais longa do que o habitual, uma ou mais semanas, e em momentos em que não são esperadas. Também aparecem com mais volume, em alguns momentos, ao ponto de humedecer a roupa interior e exterior. Segundo as participantes, essas secreções geralmente indicam a existência de algum problema na saúde íntima.

Em conversa com uma enfermeira, que trabalhava em um dos centros de saúde da cidade de Quelimane, fiquei a saber que são atendidos muitos casos de corrimento vaginal no centro de saúde onde ela trabalhava. A enfermeira mencionou que grande parte desses casos de corrimento estavam associados à casos de infecções sexualmente transmissíveis que são bastante comuns entre as mulheres, naquela cidade.

Durante a conversa com a enfermeira, esta informou que é normal e importante que a mulher tenha corrimento, uma vez que este é uma lubrificação natural da mulher que limpa e protege a flora vaginal. O corrimento, segundo ela, é uma mistura de líquidos, bactérias e células protetoras que quando normal é transparente ou branco e sem cheiro e tem um fluxo de até 1/2ml, enquanto o corrimento considerado patológico é derivado de doenças como vulvovaginite, tem cor amarelada ou esverdeada, tem mau cheiro e tem um fluxo de 3/5ml por duas horas.

A distinção que as participantes fazem entre secreções normais e anormais é semelhante à categorização que a biomedicina faz sobre as secreções vaginais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, as secreções vaginais são normais quando são uma acção fisiológica do organismo e fazem parte do ciclo menstrual da mulher. Estas são geralmente espessas e escorregadias durante a maior parte do ciclo, tornando-se mais claras, brancas e elásticas com a aproximação da ovulação. São consideradas anormais ou patológicas quando são caracterizadas pela mudança de cor, consistência, volume ou odor e vem, geralmente, associadas à outros sintomas como comichão, dor pélvica, disúria e sangramento (Bowler et. al 2014, SADC 2010).

A convergência de interpretações sobre as secreções vaginais explica-se ao facto de que as participantes já terem participado em palestras ou terem estado em consultas nas quais ouviram enfermeiras a descrever e caracterizar os diferentes tipos de secreções. O conhecimento sobre características e mesmo as designações “corrimento normal” “corrimento anormal” absorvido da biomedicina pelas mulheres, uma vez que existe uma significativa presença desta no sistema de saúde. Estudos sobre género e cuidados de saúde explicam que, geralmente, as mulheres utilizam

mais os serviços de saúde primária, em comparação com os homens, que tendem a procurar mais por serviços em casos de emergência. Estes estudos explicam que as construções sociais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, pode explicar o facto de parecer que as mulheres se preocupam mais com a sua saúde do que os homens. (Gomes et al. 2007; Couto et al.).

Essa significativa presença da mulher no sistema de saúde, especialmente na área de saúde sexual e reprodutiva que é bastante influenciada por massivas campanhas sobre a necessidade de consultas, principalmente no período gestacional, acaba por resultar na obtenção e reprodução de conhecimentos e explicações da biomedicina sobre saúde e doença. O constante “consumo” desta informação, por parte das mulheres, faz com que o conhecimento biomédico se torne senso comum, uma vez que todas as mulheres, que normalmente procuram os cuidados de saúde, embora leigas, acabam por adquirir noções básicas sobre nomes, causas, métodos de prevenção e de tratamento de doenças e acabam, elas mesmas por aplicar esse conhecimento no seu quotidiano e até partilhar entre si.

No hospital sempre tem palestras onde falam dessas coisas de corrimento, falam como se trata, dizem para lavar a menina com água e sabão... Quando eu estava grávida, sempre que ia na consulta, ouvia essas palestras ou as vezes a própria pessoa que me atendia me falava sobre isso, porque eu também tive corrimento quando estava grávida, me deram uns medicamentos para tomar e me disseram para usar água e saber para lavar a menina e as vezes dormir sem calcinha (Dirce, 30 anos, empreendedora, vive maritalmente, Brandão, 12 de Outubro de 2020)

Ainda sobre as interpretações sobre as secreções vaginais, percebi que existia uma relação entre o perfil das participantes e o tipo de conhecimento que as mesmas têm sobre as secreções vaginais. Existia, por um lado um grupo de mulheres mais velhas, que passaram a sua adolescência nos distritos a redores de Quelimane que associavam sempre o corrimento como um problema. Sempre que conversava com estas mulheres sobre as secreções, elas mencionavam que o corrimento era derivado de algum problema e que não era normal que uma mulher saudável tivesse corrimento. Além de ser problema de saúde, estas disseram que o corrimento podia significar que a mulher não cuida bem da higiene íntima, sugerindo que, nesses casos, a lavagem da vagina não era feita de forma correcta, que deixe a genitália sem cheiro e sem fluídos.

Por outro lado, existia um grupo de participantes que começou a viver na cidade de Quelimane ainda na infância ou que lá nasceram - com um nível de escolarização relativamente alto, tendo

concluído o ensino médio, técnico profissional e até superior – que fazia sempre questão de diferenciar os dois tipos de secreções. O corrimento que acreditavam ser normal pois é comum em todas as mulheres, por fazer parte do ciclo menstrual e o corrimento considerado não normal por ser indicação de algum problema de saúde. Estas participantes mencionavam também que as secreções vaginais não se limitavam apenas ao corrimento mas também devia-se ter em consideração fluídos como a lubrificação e até mesmo a menstruação.

4.3. Diferentes interpretações sobre as secreções vaginais

Embora as noções sobre as impurezas sejam um senso colectivo, as interpretações sobre as mesmas variam quando falamos da relação do indivíduo consigo próprio e da relação com os outros, na qual podemos identificar duas dimensões, com pessoas de proximidade relativa e com parceiros íntimos.

Na relação consigo próprias, existe a ideia de que ter secreções é natural para todas as mulheres, inclusive ter aquelas secreções indesejadas e atípicas. Entretanto existe um desconforto maior quando se trata das secreções atípicas pois estas representam impurezas que não são desejáveis por se ter e, para as outras pessoas, ter essas secreções pode ser associado com falta de cuidado com a higiene pessoal.

Isso de corrimento é uma doença geral, muitas mulheres têm isso, é normal para as mulheres. Muitas mulheres sofrem disso, até aqui mesmo neste bairro tem muitas. Todas as minhas amigas já tiveram corrimento. Já tiveram, ainda tem, mesmo depois de ter filhos muitas ainda tem (Tânia, 32 anos, cabeleireira, vive maritalmente, 19 de Outubro de 2020).

A preocupação de que possam conotá-las com sujas ou descuidadas com a higiene e também o facto de não quererem ter outras experiências com as secreções atípicas, faz com que as participantes estejam em constante policiamento. Estas mencionaram que, nos momentos em que estiveram ou estão a lidar, precisam estar constantemente a vigiar para que, principalmente o mau cheiro não seja percebido pelas pessoas à sua volta.

Estão entre as acções tomadas para vigiar as secreções, idas constantes à casa de banho para auferir se, por causa do volume, não molharam a roupa interior, tentar sentir o próprio cheiro para avaliar

se é possível que os outros percebam o cheiro, quando as secreções vêm com maior volume, uso de pensos para evitar molhar as roupas, controlar em que período do ciclo as secreções aparecem, evitar estar fora de casa por períodos longos

Eu quando tive aquele corrimento de doença, toda hora tinha que ir para a casa de banho para ver se ainda não molhei, tem dias que saia muito mesmo, você até pode molhar calças... Depois aquele cheiro envergonha, as vezes você sozinha tem que tentar sentir se está a cheirar ou não (Júlia, 27 anos de idade, doméstica, vive maritalmente, Coloane, 16 de Outubro de 2020)

O constante policiamento que as participantes fazem de si próprias, releva que mesmo em momento que o indivíduo não está em contacto físico com os outros que fazem parte do mesmo sistema de significados, as suas acções estão em constante interação com os outros pois estes partilham do mesmo imaginário.

Nas relações de proximidade afectiva, amizades na maior parte das vezes, percebi que existe culpabilização da mulher quando ela passa por experiência com as secreções atípicas. Durante as entrevistas as participantes revelaram que existe, entre as outras pessoas, uma ideia de que ter secreções como o corrimento, principalmente quando este vem acompanhado de um cheiro forte, desagradável e perceptível, significa que a mulher não cuida bem da sua higiene.

Nestas relações de proximidade a característica mais notável das secreções é o cheiro. O mau cheiro do corrimento é tido como um odor específico, que não se pode confundir com outro, ao sentir este cheiro vindo de uma mulher, presume-se logo que ela tenha corrimento. Por se tratar de um tipo de secreção que aparece numa parte do corpo íntima, o cheiro se torna o único contacto que as outras pessoas, que não sejam íntimas, podem ter com esse tipo de impureza.

Cheiro de corrimento todos conhecem, aquele cheiro que parece peixe podre, mesmo eu quando percebo uma mulher tem corrimento, é por causa do cheiro, é muito forte que até as pessoas percebem logo. Quando tive corrimento eu passava mal por causa daquele cheiro, eu nem conseguia vir vender aqui no mercado porque só de a pessoa se aproximar, era possível perceber aquele cheiro (Raquel, 42, vendedeira, vive maritalmente, Coloane, 21 de Outubro de 2020)

O cuidado com a higiene é algo que se espera na interação entre as pessoas, como foi anteriormente mencionado, a higiene permite que os corpos possam interagir entre si de forma saudável e em muitos constrangimentos. Assim como nos outros grupos sociais, para as mulheres Machuabo, os

cuidas com a higiene são aprendidos desde criança, no dia-a-dia, mas também fazem parte dos ensinamentos que são dados nos ritos de iniciação. Por essa razão não é esperado que uma mulher não saída cuidar da sua higiene.

Também a nível das relações de proximidade, existe um senso de que ter corrimento pode significar que a mulher seja portadora de HIV e, por medo de que as pessoas possam fazer fofoca, as participantes revelaram que só conversam ou procuram ajuda com pessoas de confiança. Tanto o corrimento, quanto o HVI são associados à promiscuidade, existe uma ideia de que uma mulher que tenha corrimento tenha tido relações sexuais com vários parceiros. Por medo desse julgamento, que mencionaram que muitas vezes vem de amigas ou outras mulheres próximas.

Eu falei com aquela minha amiga por ela também já tinha passado por isso. Quando eu lhe expliquei o que estava a acontecer, ela me disse logo para ir ao hospital. Ela passou pela mesma situação quando tinha barriga mas mesmo depois de ter bebé, ela sempre tinha. Ela sempre me contava essas coisas. Ela era minha amiga mais próxima por isso fui falar com ela porque outras pessoas quando você fala essas coisas, saem vão dizer outras pessoas. Você diz tua vizinha, ela sai e vai dizer outras pessoas e nem fala aquilo que você disse. Já fala para as pessoas que você tem doença (HIV) e assim todos ficam a falar que você tem aquela doença, enquanto não tens (Tânia, 32 anos, cabeleireira, vive maritalmente, Acordos de Lusaka A)

Por isso aqui quando uma mulher tem essas coisas ela não diz a ninguém, ela tem vergonha de pensarem que tem doenças e que dorme com muitos homens, porque é isso que as pessoas pensam. Uma mulher quando tem essas doenças podem pensar que ela dorme com outros homens além do marido, mesmo esse próprio marido as vezes pode negar que foi ele que te deu a doença (Gabriela, 28 anos de idade, doméstica, vive maritalmente, Coloane, 14 de Outubro de 2020).

No que diz respeito aos parceiros íntimos existe uma percepção de que existem aquelas secreções normais, que toda a mulher tem. Estes identificaram a menstruação e a lubrificação como essas secreções normais. Mas também identificaram o corrimento como um tipo de secreção que não é normal, que pode ser sinal de doença ou de falta de higiene.

Mesmo nas secreções normais, existe um limite do que seja normal, como é o caso da lubrificação. Ao longo das conversas com os homens, percebi que não é considerado ideal quando uma mulher

lubrifica excessivamente, quando isso acontece, a mulher é chamada de “aguada”⁷. Embora considerem importante que a mulher lubrifique para que haja uma relação sexual prazerosa, esta deve ser moderada.

Existem aquelas que em pouco tempo, quando ainda estamos a namorar, antes de eu introduzir o pénis, a mulher já está toda molhada, já tem líquidos lá, quando é assim não há nenhum conforto e o homem perde a vontade de introduzir o pénis, é nesse sentido que ela é aguada (Mário, 35 anos, casado, vendedor, Sangariveira, 3 de Novembro de 2023)

Além da excessiva e indesejada lubrificação, os homens mencionaram que as mulheres sem *matuna*⁸ também são consideradas aguadas. Segundo os entrevistados, para um sexo prazeroso, era ideal que as mulheres tivessem a vagina mais apertada. Estes acreditavam que ao longo do tempo, com a prática regular do sexo e com o parto, a vagina tende a ficar mais larga, assim sendo a mulher deve fazer a *matuna*, que é nome dado na língua Maswabo, ou a *matungi*, na língua Macena, para manter a vagina “adequada”. Não só, a *matuna* é comumente feita como parte dos ritos de iniciação, pelos quais as mulheres passam quando atingem a fase a puberdade, como forma de prepará-las para a vida sexual.

A prática da *matuna* ou do alongamento dos lábios vaginais, já foi antes registada e descrita por Bagnol e Mariano (2009) que, no seu artigo Cuidados consigo mesma, sexualidade e erotismo na Província de Tete, Moçambique, mencionam que esta prática está ligada à noções básicas de feminilidade e é realizada na fase da pré-puberdade, com recurso à óleos extraídos de amêndoas. Segundo estas autoras, o alongamento dos lábios serve para “fechar” ou reduzir o orifício vaginal, com vista a manter a vagina mais apertada, seca e quente e assim proporcionar mais prazer durante o acto sexual. Nota-se que, assim como mencionaram os entrevistados, Bagnol e Mariano (2009) descrevem em seu texto que, para os seus entrevistados, se a mulher não se cuidar.

Para os homens entrevistados, os cuidados com a vagina devem ser constante pois não é ideal que uma mulher seja aguada. Por essa razão, mesmo tendo passado pelos ritos de iniciação e ter feito a *matuna* na puberdade, é importante que mulher mantenha esse hábito ao longo a sua vida sexual. Segundo informaram tanto os homens, quanto as mulheres entrevistadas, existem senhoras que

⁷ A mulher é considerada aguada quando, durante a relação sexual, a sua genitália lubrifica excessivamente.

⁸ Matuna é o nome dado ao alongamento dos lábios vaginais, uma prática comum entre as mulheres na região centro e norte de Moçambique

vedem óleos feitos a partir de plantas que as mulheres podem comprar e ir fazendo a manutenção da *matuna* nas suas casas. As participantes informaram que antigamente eram dados durante os ritos de iniciação e eram produzidos e vendidos por pessoa especializadas, entretanto actualmente é possível comprar os óleos mesmo nos mercados. Durante uma conversa informal, uma participante mencionou que algumas mulheres, principalmente as que vivem na cidade e não conseguem ter sempre os óleos que são produzidos especificamente para alongar os lábios, costumam usar também a vaselina em casos de emergência.

Diferente da lubrificação e da menstruação que os homens consideraram normais, existiam aquelas secreções, que estes chamaram de corrimento, que provocam uma certa repulsa. Para os entrevistados não era bom que a mulher tivesse corrimento, principalmente aquele que vem acompanhado de um cheiro desagradável, que é perceptível ao se aproximar da pessoa. Ter corrimento era tipo também como sinónimo de mau cuidado com a higiene

Existe, entre os homens, uma noção de que o corrimento pode, em alguns casos, ser sinal de um problema de saúde, alguns mencionaram inclusive já terem sido submetidos à medicamentos, em simultâneo com as suas parceiras, para o tratamento de corrimento e outros sintomas associados às infeções sexuais. Entretanto os mesmos responsabilizam as mulheres por terem corrimento uma vez que acreditam que seja dever dela cuidar bem da sua higiene íntima e garantir que estivesse sempre limpa e fresca, como é esperado que esteja. Alguns dos entrevistados, mencionaram que se sentiam incomodados e, nalgumas vezes até repulsa por mulheres que, durante o acto sexual, tivessem um mau cheiro na vagina. Durante uma entrevista um homem disse:

Mas há aquelas que têm corrimento, aquilo cria um mau cheiro, irritante, como se tivesse apodrecido algo lá dentro. Tu sentes o cheiro só de aproximadas, eu gosto de introduzir o dedo antes da relação sexual para eu sentir e para ver se ela é limpa e se tem higiene. Quando sinto aquele cheiro perco a vontade ou até posso continuar mas não com o mesmo carrinho. Aquele cheiro do corrimento é muito forte, a mulher quando não toma bem banho, tem aquele cheiro (Anselmo, 38 anos, vive maritalmente, funcionário público)

De acordo com Douglas (1966) em momentos em que o indivíduo se encontra impuro e não tem lugar no sistema social, observa-se o nível funcional da poluição, no qual as pessoas tentam influenciar o comportamento uma das outras. Quando um indivíduo encontra-se fora do sistema social por estar impuro, cabe aos outros à sua volta tomarem as devidas precauções de forma a

protegerem-se do “perigo” que este representa. Nesse contexto é necessário que o indivíduo passe por rito de agregação que o irá permitir ocupar o seu lugar no sistema social do qual foi deixado à margem, devido o seu estado de impureza.

4.4. Respostas às impurezas: mecanismos adotados para lidar com as secreções vaginais

Uma vez havendo um senso colectivo sobre como o corpo deve apresentar-se para uma boa interação com os outros, em contexto de impurezas, tanto as normais, quanto as atípicas, são adotados mecanismos em respostas à esses estados de impureza. Esses mecanismos são adotados tanto para lidar com aquelas impurezas consideradas normais, quanto para as impurezas consideradas atípicas.

Embora considerem algumas das secreções vaginais normais, as participantes partilharam práticas quotidianas através das quais lidam e controlam as mesmas, uma vez que em alguns momentos, geram algum desconforto nelas mesmas. Para o caso das secreções do período da ovulação e o que antecede a menstruação, revelaram fazer uso de água com sal, limão ou vinagre para a higienização da genitália, ou ainda água com sabão. O uso destes materiais ajuda a reduzir, principalmente, o volume das secreções e manter a genitália fresca e seca, como idealmente deve estar.

Eu costumo usar água e limão para me lavar, as vezes mesmo com sabão mainato ajuda a deixar a menina limpa. Não é só para quando tens aquele corrimento de doença, mesmo no dia-a-dia, por exemplo assim aqueço água, ponho um pouco de sal e me limpo. Posso fazer isso três vezes por dia para ajudar a diminuir porque tem dias que sai muito mesmo até molhar calcinha (Júlia, 25 anos, doméstica, vive matinalmente, Coloane).

O uso de água com sal, limão ou sabão para a higienização, embora seja uma resposta individual para o desconforto causado pelas secreções, é uma prática que as participantes revelaram ter aprendido com outras mulheres, amigas, irmãs mais velhas e mães. Algumas participantes mencionaram que no período da adolescência, costumavam ter algumas informações com mães ou irmãs mais velhas que também já tinham tido alguma experiência parecida, como podemos observar no relato abaixo:

A primeira vez que tive corrimento, acho que tinha 14 anos, eu nem sabia o que era. Fui falar com minha irmã mais velha, ela me disse que aquilo era normal e que muitas mulheres também costumam ter. Ela ensinou-me a lavar-me com água morna, um pouco de limão para ajudar a eliminar aquele mau cheiro e a comichão (Gabriela, 28 anos de idade, doméstica).

Este dado revela a existência de transmissão do conhecimento por sistema familiar, conceituado por Kleinman (1980) como composto por conhecimento leigo sobre saberes e práticas quotidianas relacionadas com a saúde e doença, no qual saberes sobre doença e processos de cura são transmitidos diariamente entre amigos e familiares.

O uso de água, limão, sal e sabão também é um mecanismo adoptado para lidar com as secreções atípicas. Nestes casos, esses produtos são usados em simultâneo com outros mecanismos, como medicações que são prescritas por profissionais da saúde. Quando percebem que a forma como as secreções aparecem, é diferente do normal ou do esperado e sem tem certeza de que estas se manifestam de forma atípica, além de usar estes produtos, as participantes recorrem à tratamentos da biomedicina. Além de receitarem comprimidos ou pomadas, os profissionais de saúde também recomendavam o uso desses produtos para auxiliar no tratamento e minimizar o desconforto causado pelo cheiro

No contexto da biomedicina as participantes fazem uso de comprimidos, pomada e, em alguns casos, injeções. Numa conversa informal com uma enfermeira de saúde sexual feminina, esta informou que nos casos em que são usados estes componentes para lidar com corrimento, deve-se ao facto deste estar associado ou ser um sintoma de alguma infecção sexual. Explicou ela que a maioria das infecções sexuais, têm entre vários sintomas, o corrimento, tanto em mulheres, quanto nos homens.

Em alguns casos o tratamento do corrimento é realizado em simultâneo com o parceiro sexual da mulher que esteja a passar pelo tratamento, de maneira a evitar que, ao voltar a relacionar-se com o parceiro, ela não volte a passar pelo mesmo problema.

Logo que comecei a perceber que aquele corrimento não era normal, fui para o hospital. Eu até podia me lavar com água e limão mas aquele cheiro não passava, então fui ao hospital e me eram uns comprimidos para tomar, esses comprimidos eu tomava com meu marido, lá no hospital me deram comprimidos para nós os dois (Tânia, 32 anos, cabeleireira, vive maritalmente, 19 de Outubro de 2020).

Além de recorrer à produtos naturais e a biomedicina para lidar com as secreções indesejadas, algumas mulheres entrevistadas, mencionaram ter procurado tratamento tradicional para o seu Problema. Partilharam episódios nos quais fizeram o uso de ervas e raízes para lidar com o corrimento indesejado. Enquanto relatavam sobre esta outra forma de lidar com o corrimento, algumas mulheres mencionavam o termo *Nhambarro*. Segundo o que percebi, *Nhambarro* é considerada uma doença tradicional que acomete somente as mulheres cujos principais sintomas são dores de barriga, corrimento e em alguns casos considerados mais graves, dificuldades para engravidar.

Após notar que a menção ao termo *Nhambarro* era recorrente nas conversas, mostrou-se importante ter uma conversa com um especialista de medicina tradicional que tenha conhecimento sobre e que trate a doença. Com ajuda da guia de campo, identifiquei um homem, médico tradicional, com quem conversei sobre esta doença tradicional. A conversa decorreu numa espécie de cabana, onde este médico costuma realizar as suas consultas e atendimento, no local era possível observar plantas, raízes frescas e secas, tecidos e linhas coloridas, vários frascos com pós, líquidos e cremes e peles de alguns animais.

Em conversa com este médico tradicional, este informou que o *Nhambarro* é uma doença que vem do acúmulo de sujidade no aparelho reprodutor feminino, que no início se manifesta através de um desconforto na bexiga, depois de algum tempo a mulher começa a ver mudança de cor na urina e mais adiante, o aparecimento do corrimento. O médico informou ainda que, apesar de ser uma sujidade, o corrimento causado pelo *Nhambarro* não apresenta mau cheiro, entretanto geralmente vem acompanhado de um intenso fluxo, no qual em algumas vezes é preciso que a mulher use penso higiénico para conter o corrimento.

Segundo o médico, em casos mais graves ou quando não se trata o *Nhambarro* ainda cedo, a mulher pode ter dificuldades para engravidar ou para segurar a gravidez até ao fim. Nesse estágio é possível que algumas mulheres também sentam dores durante o contacto sexual e até percam o desejo sexual. O tratamento desta doença é feita com recurso à raízes e folhas de plantas que, após uma consulta e o diagnóstico, o médico dá a mulher. As raízes são fervidas com água e viram uma espécie de sumo, que a mulher deve tomar três vezes por dia, durante duas semanas. Esta espécie de sumo será responsável por fazer a limpeza no corpo da mulher. Entretanto, mesmo que esta seja uma doença que acomete as mulheres, os homens também passam por um tratamento, em

simultâneo com a sua mulher pois, acredita-se que no acto sexual, a sujidade que a mulher tem, é transferida para o homem.

Ao logo das conversas sobre o *Nhambarro*, com algumas participantes, em algum momento percebi que o *Nhambarro* fosse um nome local dado à alguma infecção sexual, entretanto, as entrevistadas fizeram questão de mencionar que não, que o *Nhambarro* não era uma doença que as mulheres contraem no acto sexual, pois mesmo meninas que nunca tiveram contacto sexual, podem ser acometidas pela doença e muitas delas são diagnosticadas e tratadas durante a fase da puberdade. Em conversa com uma participante, esta citou que:

O Nhambarro não é uma DTS, mesmo meninas que ainda são virgens podem ter Nhambarro, aquilo é uma sujidade que está dentro do corpo da mulher. Mesmo eu, quanto tinha 14 anos, minha avó me tratou de Nhambarro. Nessa altura eu já vivia aqui em Quelimane mas quando eu disse à minha mãe que tinha corrimento, ela me levou para casa da minha avó, no distrito. Quando cheguei lá minha avó disse que eu tinha Nhambarro e me deu umas plantas para tratar (Gabriela, 28 anos, doméstica).

O *Nhambarro* também é o nome dado à uma dança tradicional na província da Zambézia. De acordo com um artigo do jornal Canal de Moçambique (2020), *Nhambarro* ou *Nhambalo* como também é conhecida, é uma dança tradicional entre os Chuabos, popular em distritos como Quelimane, Namacurra, Inhassunge, Mopeia, Chinde e Mocuba, integrada nas cerimónias de iniciação das raparigas. Esta dança é também usada como parte do tratamento do corrimento feminino que também leva o mesmo nome. Segundo este artigo, a dança é geralmente executada por mulheres, enquanto os homens tocam os instrumentos.

Os três mecanismos usados como resposta ao estado impureza que foram explorados, revelam a existência de diferentes sistemas terapêuticos. Todas as mulheres entrevistadas, mencionaram que recorreram a, pelo menos, duas destas formas de tratar o corrimento, em alguns casos, as mulheres recorreram às três formas e, em algumas vezes, em simultâneo.

Nos estudos sobre o comportamento do enfermo, inicialmente trazidos por Mechanic e Volkart (1960), nos quais procura-se compreender a conduta dos indivíduos em episódios de doença e os determinantes como valores culturais, género, idade, estruturas familiares e grupos socioeconómicos nas respostas aos problemas de saúde, foram sugeridas reformulações teórico-

metodológicas sobre o conceito de itinerário terapêutico trazido por Kleinman. Rebelo, Alvez e Sousa (1999) citam que a partir da década de 70, os trabalhos etnográficos passaram a mostrar que as sociedades não só elaboram diferentes concepções médicas sobre causas, sintomas, diagnósticos e tratamentos de doenças, como também estabelecem como os indivíduos devem se comportar quando estão doentes.

Kleinman identificou três arenas sociais dentro dos quais a doença é vivenciada, a arena profissional que é considerada como parte da medicina científica, praticada por profissionais reconhecidos ou por médicos tradicionais profissionalizados, a arena folk que é composta por especialistas considerados não oficiais, como curandeiros ou espiritualistas e a arena popular que é considerado o campo leigo e não especializado no qual o doente faz recurso à automedicação ou conselhos de amigos ou familiares.

Nestas três formas de lidar com o corrimento indesejado podemos situar os cuidados adotados pelas participantes no seu dia-a-dia, como lavagem íntima com sabão, água e limão na arena popular, pois de acordo com o que foi relatado, é uma prática comum entre as mulheres de higiene íntima que aprendem umas com as outras. As formas de como fazer a higiene íntima para reduzir o desconforto com o corrimento, são passadas entre amigas, irmãs ou mulheres mais velhas, em alguns casos, as participantes mencionaram que durante as consultas, algumas enfermeiras também recomendavam a lavar a região íntima com água, sabão e limão ou vinagre.

A busca por tratamento nos centros de saúde, ou seja, na biomedicina, pode ser incluída a arena profissional, quando em busca de eliminar o corrimento indesejado, as mulheres procuram profissionais do sistema de medicina nacional, que em consultas, fazem exames, diagnóstico e receitam um tratamento com medicamentos e cremes usados na biomedicina no tratamento de ITS's e de infecções vaginais.

O uso de diferentes formas de tratamento, revelam a existência de um pluralismo de sistemas, no qual as participantes de estudo fazem recurso à diferentes tipos de cuidados de saúde. Na Antropologia médica, no contexto dos itinerários terapêuticos, defende-se que em períodos de doença, as pessoas empregam o uso plural de terapia, de acordo com suas ideologias e os vários sistemas médicos aos quais estão expostos. Autores defendem e propõem um quadro ecológico onde exista coexistência e convivência entre as várias práticas médicas existentes que acabam por

formar um sistema médico plural incorporado na mais larga realidade social, tecnológica e natural, ou até mesmo supernatural. Rekdal (1999) sugere um foco nas dinâmicas de processos de cura trans-cultural que pode ser crucial para compreender processos que acontecem no encontro entre vários sistemas de saúde.

Como mostram os dados colhidos, as participantes de estudo fazem uso dos recursos disponíveis e existentes no seu cotidiano, dentro das interações que estabelecem com os diferentes sistemas de cura aos quais elas têm acesso. Ao fim do dia, o que parece ser importante não é a separação ou a categorização dos sistemas de saúde aos quais as participantes têm acesso mas sim, o que cada prática ou procedimento traz de benefício no processo de busca pela resolução de um problema de saúde que enfrentam, mesmo que estas sejam provenientes de diversos e diferentes sistemas culturais de saúde.

As diferentes respostas às impurezas reforçam a existência de um ideal de como os corpos devem estar apresentados na interação com outros, sem impurezas ou com as impurezas controladas, de modo que estas não perturbem ou impossibilitem essa interação. Os mecanismos adotados para lidar com as secreções são um esforço dessas mulheres para sair do estado de impureza em que se encontram ou controlar e reduzir as impurezas de modo que estas não causem desconforto a si mesmas e às pessoas próximas.

5. Conclusão

A presente dissertação tinha como principal objectivo compreender como as pessoas interpretam e relacionam-se com as secreções vaginais, como elas relacionam-se com as outras pessoas e como essas pessoas relacionam-se com elas tendo como referência essas secreções.

Partindo da proposta de Boneli (2014) de transcender a relação de binária entre material e significado, mostrei como as características materiais das secreções vaginais são associados à percepções sobre e impureza e podem influenciar na forma como as mulheres relacionam-se com os outros, seja na interação com pessoas próximas por relações de amizade, seja nas relações íntimas.

De modo a responder ao problema de pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica para identificar as principais discussões em torno dos fluídos corporais e a sua relevância para a compreensão das diferentes dinâmicas. Foi também realizado um trabalho etnográfico, em alguns bairros da cidade de Quelimane, entre mulheres e homens que tiveram experiências de gestão de corrimento vaginal ao longo da vida.

Foram realizadas observações para identificar as principais dinâmicas de interações sociais no local de estudo. Também foram entrevistas semi-estruturadas e conversas informais a partir das quais captei narrativas das participantes sobre suas experiências na gestão das secreções vaginais e as diferentes percepções sobre as mesmas.

Os dados produzidos permitiram perceber que, entre as participantes de estudo, existem duas dimensões das secreções vaginais, enquanto impurezas, existem aquelas secreções que embora sejam impurezas, são expetáveis e consideradas normais, quando o cheiro, a textura e volume estão dentro dos parâmetros esperados. Existe também aquelas secreções atípicas que são caracterizadas por cheiro forte e desagradável, um volume maior do que o considerado normal e uma textura mais pastosa. Percebi também que embora algumas secreções sejam expetáveis e consideradas normais pois derivam do funcionamento normal do corpo e aparecem em circunstâncias esperadas, entretanto, nessas circunstâncias são adoptadas medidas para fazer a gestão das mesmas. Quando aparecem fora daqueles períodos expetáveis, com uma duração, volume e texturas indesejadas também são adoptados mecanismos para lidar com as secreções. Identifiquei três mecanismos que as participantes mencionaram usar para fazer a gestão das secreções vaginais, a higienização da genitália com produtos naturais, uso de medicamentos receitados em consultas com profissionais

da biomedicina e também tratamento tradicional com ervas e raízes quando se acredita que as secreções são causadas pelo *nhambarro*.

No contexto das percepções acerca das secreções vaginais percebi que enquanto para as mulheres existe a noção de que ter corrimento é comum para as mulheres, para as pessoas próximas, como amigas, existe uma ideia de que ter corrimento vaginal é resultado de falta de cuidado com a higiene pessoal e também é associado ao comportamento promíscuo. Nas relações íntimas, além dos homens também associarem o corrimento à falta de cuidado com a higiene, estes não consideram ideal que uma mulher lubrifique excessivamente. Para os homens tanto o corrimento, quanto a excessiva lubrificação são indesejadas.

Os principais resultados da pesquisa corroboram com a proposta enunciada na problemática e mostram que as características das secreções vaginais como cheiro, textura, cor e volume estão associadas à uma ideia de impureza e influenciam na forma com as mulheres relacionam-se com pessoas próximas, na medida em que são consideradas descuidadas com a higiene, com conduta sexual inapropriada e, em contexto da relação com parceiros íntimos, mulheres aguadas.

6. Referências Bibliográficas

- Archambault, Julie Soleil. 2022. Sweaty motions: Materiality, meaning and the emerging workout ethic in Mozambique, *American ethnologist*, 0 (0): 1-13
- Bagnol, Brigitte; Mariano, Esmeralda. 2009. “Cuidados consigo mesma, sexualidade e erotismo na Província de Tete, Moçambique”, *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, 19 (2): 387-404.
- Batalha Luís. 1998. Emics/Etics Revisitado: “Nativo” e “Antropólogo” Lutam pela última palavra. In *Etnografia*, Vol II (2): 319-343.
- Bonelli, Cristóbal. 2014. “What Pehuenche Blood Does: Hemic Feasting, Intersubjective Participation, and Witchcraft in Southern Chile.” *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 4 (1): 105–27.
- Carsten, Janet. 2011. “Substance and Relationality: Blood in contexts”, *Annual Review Anthropology*, 40: 19-45.
- _____. 2013. “Introduction: BloodWill Out: Essays on Liquid Transfers and Flows.” *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 19: 1–23.
- Couto, Márcia Thereza; Pinheiro, Tiago Felix; Valença, Otávio; Machin, Rosana; Da silva, Geórgia Sibeles Nogueira; Gomes, Romeu; Schraiber, Lilia Bilma e Figueiredo, Wagner dos Santos. 2010. “Homem na atenção à saúde: discutindo in(visibilidade) a partir da perspectiva de género”. *Interface*, 14 (33).
- Copeman, Jacob. (2018). “Blood”, *The International Encyclopedia of Anthropology*.
- Crotty, Michael. 1998. *The Foundations of Social Research: Meaning and Perspective in the Research Process*. Allen & Unwin, Australia.
- Da Costa, Gasiele Aires. 2013. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações, *Revistas aSPAs*, 3 (1): 49-60.
- Douglas, Mary. 1966. *Purity and Danger: an analysis of concepts of pollution and taboo*. New York: Routledge.

- Dove, Holmes e Dan Warner. 2005. The anatomy of a forbidden desire: men, penetration and semen exchange, *Nursing inquiry*, 12 (1): 10-20.
- Emerson, Robert; Fretz Rachel e Shaw, Linda. 2013. "Participant Observation and Fieldnotes" in P. Atkinson, et al. Eds. *Handbook of Ethnography*. Washington: SAGE.
- Gomes, Romeu; Do Nascimento, Elaine Ferreira; De Araújo, Fábio Carvalho. 2007. "Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior". *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (3).
- Hammersley, M. e P. Atkinson, 2007. *Ethnography: principles in practice* (3^d edition), New York: Routledge.
- Johannessen, H. e Lázár, I. 2006. *Multiple Medical Realities- Patients and healers in Biomedical, Alternative and Traditional Medicine*. Berghan Books.
- Khadawardi, Khalid. 2020. "Prevalence of Abnormal Vaginal Discharge among Pregnant Women", *Med. J. Cairo* 88 (2): 677-683
- Marconi, Marina de Andrade e Eva Maria Lakatos. 2003. "Técnicas de Pesquisa." In *Fundamentos Da Metodologia Científica*, 5^a: 174–123. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Miner, Horace. 1956. "Body ritual among Nacirema", *America, Anthropologist* 58 (3): 503-507
- MISAU. 2019. Relatório Anual 2018: *Relatório Anual das Actividades Relacionadas ao HIV/SIDA*. Maputo.
- Niehaus, Isaac. 2000. "Coins for Blood and Blood for Coins: From sacrifice to ritual murder in the South African Lowveld", *Ethnology* 3 (2): 31-54.
- _____. 2002. "Bodies, Heat and Taboos: Conceptualizing modern personhood in the South Africa Lowveld". *Ethnology*, 41 (3): 189-207.
- Robben, A., Sluka, J. 2007. *Ethnographic Fieldwork: An Anthropological Reader*. Blackwell.
- Simpson, Bob. 2009. "Please Give a Drop of Blood': Blood Donation, Conflict and the Haemato-global Assemblage in Contemporary Sri Lanka." *Body & Society* 15 (2): 101-22.

Sobo, Elisa. 1993. "Bodies, Kin, and Flow: Family planning in rural Jamaica", *Medical Anthropology Quarterly, New series* 7 (1): 50-73.

Thornton, Robert. 2002. *Flows of 'sexual substance' and representation of the body in South Africa*. University of the Witwatersrand.

Velden, Felipe. 2007. "Circuitos de sangue: corpo, pessoa e sociabilidade entre os Karitiana", *HABITUS Goiânia*, 5 (2): 275-300.